

CURRÍCULO OCULTO E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS E SUAS CONEXÕES

Ana Maria Freitas Dias Lima¹

Idemar Vizolli²

Josseane Araújo da Silva Santos³

Lílian Gama da Silva Póvoa⁴

RESUMO

O currículo das escolas durante muito tempo vem organizado por área de conhecimento, ano letivo e conteúdos programáticos de forma sequencial, vertical, fragmentado, sem a preocupação com a aprendizagem significativa. Após as teorias críticas, esse contexto tem apontado em direção a uma possível abertura para abordagens que possam propor a exclusão do modelo hegemônico, permitindo assim, um olhar para a subjetividade do discente. Partindo dessa premissa, o artigo reflete acerca dos aspectos históricos da subjetividade no currículo, em especial a estreita ligação entre currículo oculto e subjetividade. A princípio, a base de fundamentação teórica está ancorada principalmente em algumas reflexões sobre a questão da subjetividade considerada na perspectiva de Fernando González Rey (2003, 2005) e outros. Quanto às características do currículo oculto o leitor terá considerações de Schmidt (2003), Larossa (1999). Percebeu-se que nas suas origens a educação não contemplou a subjetividade por alguns aspectos principalmente pela hegemonia do pensamento ocidental não contemplando uma concessão ontológica de indivíduo, assim, os indivíduos eram efeitos do social e não havia uma preocupação com um currículo onde compreendesse o indivíduo na sua inteireza. Com as teorias críticas, o currículo oculto se fortalece e a subjetividade passa a ser vista e estudada com outro olhar. Esse novo olhar nos leva a acreditar que o trabalho desenvolvido a partir da subjetividade no currículo supera as tradicionais disciplinas e áreas de conhecimento para tornar-se vida de fato, experiências de situações vividas na escola e fora dela. O currículo oculto está diretamente ligado a subjetividade, pois permitem uma aprendizagem voltada a valores, consciências críticas e contribui com o desenvolvimento do aluno inclusive em suas relações sociais. É preciso rever o currículo que vem sendo ensinado e obedecido e, sobretudo instituir a subjetividade no currículo como alternativa para alcançar a tão almejada educação de qualidade.

Palavras-chave: Currículo Oculto; Subjetividade; Discente; Escola; Educação.

INTRODUÇÃO

As políticas públicas para educação no Brasil na sua maioria propõem medidas simplistas, aligeiradas e imediatistas, automaticamente trazem em seu bojo algumas consequências, dentre elas a fragmentação do ensino. Nesse contexto o currículo da escola se apresenta como estagnados, visto que durante muito tempo vem organizado por área

¹Graduada em Pedagogia (Unitins); Especialista em Orientação Educacional, Docência do Ensino Superior e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)- e-mail: anamariarlima@hotmail.com

² Doutor em Educação (PPGE-UFPR). Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT)-email: idemar@uft.edu.br

³ Graduada em Letras (Unitins) Campus Porto Nacional; Especialista em Metodologia do Ensino e em Gestão Escolar e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins – email: josseane.santos@uft.edu.br

⁴ Graduada em Pedagogia (UESPI); Especialista em Docência do Ensino Superior, Especialista em Gestão Escolar, e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)-email: lilian.gama@tjto.jus.br

deconhecimento, ano letivo e conteúdos programáticos de forma sequencial, vertical, fragmentado, sem a preocupação com a aprendizagem significativa, sem articulação com a cultura social e as produções dos estudantes. Apesar desse contexto há esforços de muitos pesquisadores em considerar o currículo como propriedade que caracteriza essencialmente a prática pedagógica e que possibilita a apropriação das capacidades subjetivas do alunado.

Aliado a isso, encontra-se o currículo oculto e a subjetividade, elementos estes que não consideramos como isolados, visto que as relações estabelecidas entre os indivíduos constroem suas identidades.

Esse contexto tem apontado em direção a uma possível abertura para abordagens que possam propor a exclusão do modelo hegemônico ou modelo padrão do currículo apresentada a comunidade escolar, permitindo assim, um olhar para a subjetividade do discente, para o pensamento complexo, o que talvez, de alguma maneira, contribua para o entendimento que a evolução do aluno não ocorre de forma linear, dada a complexidade de suas especificidades, contexto social, histórico, econômico e político, aliados a fatores internos como relações interpessoais, emoções, valores etc. Partindo dessa premissa o artigo reflete acerca dos aspectos históricos da subjetividade no currículo, em especial a estreita ligação entre currículo oculto e subjetividade⁵.

A relevância desta discussão salta à vista, vez que compreendendo a subjetividade e a importância de se trabalhar o currículo oculto na escola como mediadores nos processos constitutivos da formação humana e cidadania dos alunos, do professor como sujeito, agente deste processo, cidadão, intelectual e pesquisador em processo contínuo de formação e da escola como espaço privilegiado para todo este trabalho. O estudo do tema apresentado poderá interessar não só aos profissionais da educação, como também aos de áreas afins. Analisar as formas como o currículo constrói identidades e subjetividades é nosso compromisso como educadores, por isso precisamos ter clareza das relações estabelecidas pelo currículo oculto e a subjetividade no que tange ao movimento que estes provocam na escola.

A base de fundamentação teórica que permitiu o embasamento das análises da temática, está ancorada principalmente em algumas reflexões sobre a questão da subjetividade considerada na perspectiva de Fernando González Rey (2003, 2005) e outros. Quanto às

⁵Neste documento compreendemos a subjetividade a partir das concepções de Gonzalez Rey (2003, p. 75) como “... a dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico”. Ainda, “A subjetividade é compreendida como um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, nos planos individual e social” (González Rey, 2002)

características do currículo oculto com ênfase nos resultados das “interações interpessoais” que se desenvolvem na escola, o leitor terá considerações de Schmidt (2003), Larossa (1999) e outros.

O estudo em questão, em sua primeira parte, fez-se uma breve análise da história do currículo desde o seu surgimento até suas mais recentes inovações conceituais ao longo dos anos, após, apresenta um debate sobre o currículo formal e o currículo oculto para então abordar o processo histórico da inclusão da Subjetividade no currículo.

Elaborar uma pesquisa dessa dimensão é, sobretudo, ressignificar nossa prática como educadores, entendendo que envolver pela compreensão da subjetividade no currículo escolar nos dará condições de vislumbrar o posicionamento de atitudes individuais e coletivas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

No que se refere aos procedimentos técnicos (SILVA, 2005), a pesquisa foi bibliográfica, pois dúvidas não pairam quanto ao universo circunscrito ao tema. A princípio, a base de fundamentação teórica que permitiu o embasamento das análises da temática está ancorada principalmente em algumas reflexões sobre a questão da subjetividade que será considerada na perspectiva de Fernando González Rey e outros. A Epistemologia Qualitativa parte de um modelo teórico em construção, a Teoria da Subjetividade de González Rey, e relaciona-se à produção de conhecimento de fenômenos da subjetividade. Essa teoria vem avançando constantemente, ganhando novos significados dentro das próprias tramas teóricas que se desenvolvem. Quanto às características do currículo oculto com ênfase nos resultados das “interações interpessoais” que se desenvolvem na escola, o leitor terá considerações de Schmidt (2003), Larossa (1999) no texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

- Conceitos e Considerações sobre a História do Currículo

Segundo Schmidt (2003), a história do currículo tem início no antigo Egito, e vai até a democratização do ensino no início do século XX, onde prevalecem as ideias de John Dewey (1902) sobre educação, bem como outros pensadores apresentando inovações ao currículo e à estrutura e competências da escola.

Para Schmidt (*apud* SAVIANI, 2003), John Dewey cria em 1896, a escolalaboratório na Universidade de Chicago, abrindo caminho para o currículo, ressaltando que o mesmo fora elaborado para os professores com o objetivo de orientá-los a respeito dos conteúdos a serem trabalhados com as crianças.

Em 1902, Dewey faz duras críticas aos currículos utilizados na sua época. Tem-se, então, a formulação de uma base teórica para a construção de um currículo renovado – algo muito divulgado e aceito em vários países, inclusive no Brasil (SCHMIDT, 2003).

No entanto, em 1918, Franklin John Bobbitt publica a obra *The Curriculum*, nos Estados Unidos da América (EUA). A partir daí, inicia-se a construção de teorias de currículo, afirmando-se que o currículo é aquele conjunto ou série de coisas que as crianças e os jovens devem fazer e experimentar, a fim de desenvolver habilidades que os capacitem a decidir assuntos da vida adulta (SCHMIDT, 2003).

No Brasil, os estudos na área de currículo se fortificam tendo como premissa a Teoria Crítica de Currículo. Considerando que nosso foco é a subjetividade e o currículo oculto, apresentaremos um agrupamento das teorias curriculares segundo a autora Schmidt (2003), para melhor situarmos o currículo oculto e a subjetividade nesse processo.

Ressalta-se que o conceito de currículo oculto tem sido difundido pelos autores da teoria crítica, como se apresenta abaixo.

| TEORIAS TRADICIONAIS | TEORIAS CRÍTICAS | TEORIAS PÓS-CRÍTICAS |
|--|---|--|
| Ensino Aprendizagem Avaliação Metodologia Didática Organização Planejamento Eficiência Objetivos | Ideologia Reprodução cultural e social/poder Classe social Capitalismo Relações sociais de produção conscientização Emancipação e Liberdade Currículo oculto Resistência | Identidade, alteridade Diferença Subjetividade Significação e discurso Saber-poder Representação Cultura Gênero, raça, etnia, Sexualidade Multiculturalismo |

Quadro 1 – Conceitos das teorias curriculares. Schmidt (2003).

Toda a história inicial do currículo aponta para um currículo fechado, compartimentalizado. Ora, se analisarmos o contexto da criação e/ou nascimento da escola, há de se perceber que ela teve origem na segregação, em especial na década de 1960, quando o tecnicismo passou a vigorar no Brasil o país se viu necessitado de ter mão de obra qualificada para executar os trabalhos das fabricas. Assim, para conseguir formar mão de obra qualificada era necessário, segundo Mello (1982), introduzir na escola uma forma de treinar os sujeitos para executarem as tarefas necessárias à produção, para o desenvolvimento propriamente do capital, ou seja, a ciência e a tecnologia estavam a serviço do capital, era preciso ter o controle do trabalho, do modo de produção. O currículo então passa a ser técnico, fazendo-se capaz de qualificar os indivíduos para o mercado de trabalho.

Essa segregação dar uma forma ao currículo que compartimenta o saber e exclui a subjetividade nessas relações. Nas suas origens a educação não contemplou a subjetividade por alguns aspectos, principalmente pela hegemonia do pensamento ocidental que teve três operações fundamentais: a simplificação, substancialização e dicotimização.

Após as teorias, em especial a disseminação das Teorias críticas que inclui o currículo oculto, a subjetividade passa a ser então assunto discutido por vários autores.

- A Subjetividade no Currículo

Sabe-se que a educação formal provocou modificações nos sistemas educativos tradicionais, incluindo em seus saberes particulares outros saberes da sociedade dominante.

Dentre essas modificações, a questão da subjetividade no currículo vem sendo discutida com muita ênfase nas últimas décadas, quando se percebeu que diversas situações humanas vividas pela sociedade contemporânea podem ser compreendidas quando analisadas com base na subjetividade. Essa permeia o modo de estar no mundo e constrói sujeitos que compreendem o mundo de forma complexa, incluído as emoções.

Historicamente, a subjetividade, na perspectiva foucaultiana, é completamente produzida, moldada e “fabricada” em diferentes práticas discursivas, em relações heterogêneas de poder-saber (cf. Foucault, 1993). Nessas relações, os indivíduos são subjetivados de diferentes modos e passam a constituir a si mesmos como sujeitos. Os modos de subjetivação, por suavez, são todos os processos e as práticas heterogêneas por meio dos quais seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo (cf. Foucault, 1995b). A palavra “sujeito”, em Foucault (1995b), possui, então, dois significados: “Sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua

própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga.” (Foucault, 1995b, p. 235).

Com isso, Foucault procurou mostrar que “as formas modernas de poder atacam a subjetividade do indivíduo à sujeição desse indivíduo (ser controlado por outro)” (Cruikshank, 1999, p. 21). Isso porque “o sujeito é tanto aquele que está sob a autoridade de outro quanto o autor de suas próprias ações” (idem, *ibid.*).

Quando se fala em sujeito, remete-se a complexidade do indivíduo. O autor acima buscou discutir a articulação entre poder e saber, em cujo interior se produz o sujeito.

Nesse período entre os anos de 1990 e 2000, muitos autores voltavam suas pesquisas para a subjetividade no currículo, apresentando estudos que mostravam como os currículos produziam um tipo de mulher, de homem, de criança, de professor, de professora, de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de cidadania e de cultura.

Citamos aqui o pesquisador Jorge Larrosa que trouxe uma contribuição especial para a temática subjetividade. Em seu artigo *Tecnologias do eu e Educação*, de 1999, possibilita superar, a recorrente interpretação de uma imposição do governo do eu pelo estado e pelas economias mundiais; em segundo lugar, a idéia de que as subjetividades são materializadas nas formas do gênero, da sexualidade e das culturas (a parte do debate que mais afetou os estudiosos de currículo). Embora essas questões estejam, de fato, em jogo, a subjetividade é, para Larrosa (1999), a relação do sujeito com a verdade, com o poder e consigo mesmo.

Percebe-se, portanto que, o debate sobre currículo estava muito arraigado às questões do governo e das formas culturais fabricadas a partir das relações de poder e vão se expandindo a partir das décadas de 1960 a 1980, quando os teóricos das teorias críticas do currículo demonstraram que se ensinava na escola muito mais do que conscientemente se revelava, ou seja, existia um currículo oculto e a necessidade de trabalhar a subjetividade nesses espaços.

Alguns estudos até ajustaram a terminologia, passando a mencionar o tema subjetividade sob nome de “modos ou processos de subjetivação”, como indicado na obra de Foucault. Não é nossa pretensão entrar nessa discussão, daí a necessidade de compreendermos a subjetividade, objeto de estudo desse artigo, na perspectiva da epistemologia de González Rey que a conceitua no seguinte viés:

(...) “um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Essa visão da subjetividade está apoiada em particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa a forma essencial dos processos de subjetivação” (REY, 2003, p. 09).

Em uma de suas obras, González Rey (2005^a, p.202) define subjetividade como “as formas complexas em que o psicológico se organiza e funciona nos indivíduos, cultural e historicamente construídos e nos espaços sociais de suas práticas e modos de vida”.

O autor chama atenção sobre a necessidade de romper com a dicotomia existente entre indivíduo e sociedade. Sob a ótica da Teoria da Subjetividade, o professor e aluno têm a sua constituição subjetiva de sujeito - professor e sujeito – aluno, não apenas por cumprir o que reza a estrutura curricular da escola, mas também por suas vivências e práticas, aliadas à sua história de vida.

No processo educativo não é diferente, a aprendizagem não dissocia das emoções do sujeito, assim, a escola deve ir além do ensino sistêmico, do currículo fechado e inflexível, é muito mais do que uma listagem de conteúdos a serem ensinados nas escolas, mas com um conjunto de experiências educativas vividas pelos estudantes dentro do contexto escolar. O currículo oculto alcança esse patamar porque vai além dos muros da escola, das normas e diretrizes, está naquilo que é implícito, “nos corredores da escola”, nas relações que estabelecem no ambiente escolar. Como colocado por Silva(2003) “[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (p. 78).

Partindo disso o currículo oculto está atrelado diretamente a subjetividade humana, este deve ser articulado e elaborado em função de propósitos educativos e de saberes, comportamentos, atitudes, crenças, valores que expressam e concretizam formal e informalmente o ensino. Sendo assim, se aprende na escola muito mais do que aquilo que está registrado nos documentos oficiais

Como colocado anteriormente, não podemos dissociar o sujeito aprendiz de suas emoções, e nesse processo de aprendizagem o conhecimento advém não apenas como obrigação, mas das emoções, do apaixonar-se pelo conhecimento, na produção de significados daquilo que se estuda. Essa necessidade é clara para González Rey (2005, p.236), que nos mostra que na categoria de sujeito está presente o indivíduo consciente, intencional, atual e interativo, condição permanente em sua expressão vital e social. As emoções, por sua vez, podem ser consideradas como condição permanente do sujeito, pois, como afirma González Rey(2005, p.236-237):

O sujeito é portador de uma emoção comprometida de forma simultânea com sentidos subjetivos de procedências diferentes, que se fazem presentes no espaço social dentro do qual se situa em seu momento atual de relação e de ação. Este é um dos aspectos mais desafiantes do sujeito, assim como dos aspectos que mais



consequências provocam na organização das diferentes práticas sociais e profissionais.

O autor ainda define “o sujeito é a expressão da flexibilidade da consciência crítica” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 234). Dessa feita, se considerarmos o currículo como um instrumento de mudança, de reflexão do indivíduo, cabe-nos questionar como desenvolver e mobilizar toda a comunidade escolar a se construir como tal, que segundo o autor:

Sujeito é a pessoa capaz de abrir espaços próprios, específicos, de produção subjetiva dentro dos espaços sociais múltiplos e simultâneos em que se desenvolve a sua prática social. O reconhecimento do caráter gerador da psique permite-nos reconhecer dois modos da pessoa relacionar-se com o mundo social; como produtor de espaços singulares dentro dos espaços sociais em que atua, ou como reproduzidor mimético das práticas no interior desses espaços, não só no plano da ação, mas também no plano subjetivo. (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 272)

O sujeito é visto, portanto, a partir da sua compreensão histórico-cultural, como indivíduo que toma ciência dessa condição de sujeito criativo e ativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Especificamente o currículo formal, explícito e oficial, prevê os conteúdos que vão ser trabalhados nas disciplinas e tem por função oferecer ao país uma base comum de educação como citada na LDB 9394/96: “Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.” (LDB 9394/96.)

Considerando a temática do artigo em comento destacamos um conceito que traz um viés mais voltado para a subjetividade e o currículo oculto, que de acordo com Lopes (2006, contra capa):

[...] o currículo se tece em cada escola com a carga de seus participantes, que trazem para cada ação pedagógica de sua cultura e de sua memória de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive. É nessa grande rede cotidiana, formada de múltiplas redes de subjetividade, que cada um de nós traçamos nossas histórias de aluno/aluna e de professor/professora. O grande tapete que é o currículo de cada escola, também sabemos todos, nos enreda com os outros formando tramas diferentes e mais belas ou menos belas, de acordo com as relações culturais que mantemos e do tipo de memória que nós temos de escola [...].

Percebe-se, portanto, que o autor vai além do conceito sistêmico, formal, colocando o sujeito como partícipe do processo, estimulando o valor formativo do conhecimento pedagógico dos professores, as interações dos seus agentes escolares. O currículo é construído por um encontro cultural de saberes e experiências. Esse olhar subjetivo traz em seu bojo a

riqueza das memórias e história de professores e alunos, valorizando as peculiaridades de cada cultura que a escola está inserida.

Corroborando com essa premissa, Mc Laren (1997), coloca que o currículo lida com os modos inconscientes pelo qual o conhecimento e o comportamento são construídos, por vezes fora dos materiais de aula, mas dentro das relações interpessoais. Nessa mesma linha Giroux (1986) afirma que a transmissão e reprodução de valores e crenças dominantes através do currículo oculto são reconhecidas e aceitas como uma força positiva do processo de escolarização. Os conteúdos que são ministrados através de certas práticas de sala são analisados, mas os interesses políticos e econômicos que essas crenças e valores repassam através desses conteúdos geralmente não são questionados.

Ainda nessa perspectiva da importância da subjetividade no currículo oculto, SANTOMÉ, (1995, p. 83) ressalta:

No fundo, não estamos muito longe de uma representação da instituição escolar como uma fábrica, onde o corpo estudantil se vê incitado a pensar da mesma forma, a produzir os mesmos resultados e em idêntico espaço temporal, a aceitar as mesmas recompensas e sanções, a ser julgado por autoridades externas e com parâmetros que muitas vezes não compreende [...] é assegurando logo desde a infância a reprodução de determinada consciência que as empresas preparam a próxima geração de trabalhadores e trabalhadoras. [...] É através da interação social registrada diariamente nas salas de aula que se vão construindo os significados dos objetos e das situações, que vão formando as subjetividades e se vão criando as habilidades, conhecimentos e destrezas que cada sociedade privilegia e valoriza (SANTOMÉ, 1995, p. 83).

Percebe-se pela fala do autor que o currículo oculto está diretamente ligado a subjetividade, pois permite uma aprendizagem voltada a valores, a consciências críticas e que desenvolvem o aluno inclusive em suas relações sociais, como bem colocado por SILVA, (2003, p. 78), “[...] todos os aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2003, p. 78).

Numa perspectiva subjetiva e voltada ao pensamento complexo é necessário uma reformulação do pensamento visto que este integra os diversos modos de pensar e considera o indivíduo nos seus vários aspectos, sejam eles social, histórico, político, biológico etc, deixando de lado o currículo fechado, o pensamento simplificador e buscando compreender o currículo sob a ótica do pensamento complexo que conforme nos explica Petraglia (2001, p. 23):

O pensamento complexo integra os modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas. Considera todas as influências recebidas, internas e externas, e ainda enfrenta a incerteza e a contradição, sem deixar de conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes. Enfatiza o problema, não a solução. Tal como o homem, ser



complexo, o pensamento também se apresenta assim, já que as diversas influências – sociais, culturais, históricas, econômicas, políticas, biológicas – são determinantes.

Nesse sentido precisamos entender que no mundo complexo, nas relações sociais onde o sujeito deve ser considerando multidimensional, também participe de uma realidade multidimensional, as relações entre currículo e aprendizagem deve ser direcionadas não para um currículo que fragmenta ou fraciona a maneira de pensar, mas sobretudo conceber o sujeito como um ser humano ativo, crítico, dotado de criatividade, curiosidade e autonomia no ato de pensar e vivenciar suas experiências no contexto regional e global.

Esse talvez seja o nosso fazer enquanto educadores, estimular e valorizar a subjetividade, o pensamento complexo proposto por Morin (2011) para que de fato os educandos construam seus próprios significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre currículos vêm inovando a cada dia e mesmo com essa criticidade despertada na escola ainda se oculta assuntos deveras importantes para o desenvolvimento da subjetividade humana nestes espaços, assim, visualizamos um currículo que tende a homogeneizar, padronizar, linearizar. Há no currículo oculto a necessidade de retratar a diversidade, as diferentes vozes, realidades, comunidades, as emoções, os valores.

Sem adentrar no mérito da comparação entre o currículo formal e oculto, mas ressaltar sua importância, o currículo oculto vai além dos conteúdos estabelecidos no plano curricular a ser explorado, para também se expressar nas atitudes e relacionamentos que os sujeitos estabelecem entre si, desde as estruturas de poder a sentimentos como compaixão, afeto etc.

A guisa de conclusão, nas suas origens a educação não contemplou a subjetividade por alguns aspectos, principalmente pela hegemonia do pensamento ocidental, assim, a forma como nasceu à escola não contemplou uma concessão antológica de indivíduo, de fato os indivíduos eram efeitos do social e não havia uma preocupação com um currículo onde compreendesse o indivíduo na sua inteireza. Com as teorias críticas o currículo oculto de fortalece e a subjetividade passa a ser vista e estudada com outro olhar. Esse novo olhar nos leva a acreditar que o trabalho desenvolvido a partir da subjetividade no currículo supera as tradicionais disciplinas e áreas de conhecimento para tornar-se vida de fato, experiências de situações vividas na escola e fora dela.

É preciso partir do princípio de uma lógica não linear e cartesiana, encarar e repensar a escola de hoje diferente da escola de ontem, que não está respondendo mais o que os alunos



buscam nela, assim, trabalhar os aspectos subjetivos é o caminho para transformá-la em um lugar de produção e não apenas apropriação de conhecimento e cultura. É preciso rever o que o currículo vem sendo ensinado e obedecido, conhecer seu verdadeiro significado, conscientizar - se do poder que o currículo oculto se reveste ao se materializar em sala de aula ou fora dela e, sobretudo instituir a subjetividade no currículo como alternativa para alcançar a tão almejada educação de qualidade.

Reafirmamos a necessidade de trabalhar o currículo escolar à luz do pensamento complexo e dos pressupostos da subjetividade, sendo estes fundamentais, isto implica um ressignificar do currículo desde a estrutura organizacional à formação humana, em busca de religar os saberes que foram fragmentados ao longo da história e contextos educacionais.

Para novas pesquisas propõe-se questionar como seria a estrutura ou modelo na sua concepção ampla de currículo renovado e inovador, tendo como premissa a subjetividade?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CRUIKSHANK, B. The will to empower: democratic citizens and other subjects. Nova York: Cornell University, 1999.

FOUCAULT, M. Verdade e subjetividade. Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, v. 1, n. 19, p. 203-223, 1993

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. Teoria & Educação, n. 6, p. 33-51, 1992.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA. T. T. da. (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LOPES, Alice C. Pensamento e política curricular – entrevista com William Pinar. In: Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006.

MCLAREN, Peter. Multiculturalismo crítico. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. 239 p.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Reflexões sobre o currículo a partir da leitura de um livro para crianças. Espaço aberto, n. 9, p. 23-27, mai. 1999.

REY, G. F. L. Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

_____. **O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito.** Petrópolis: Pioneira Thomson, 2004.



_____ **O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica.** In: GONZALEZ REY, F. L. (Org). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

SACRISTAN, J. Gimeno. **Os professores como Planejadores.** IN: SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. *Compreender e transformar o ensino*. 4º ed. São Paulo: Artmed, 1998.

_____; PÉREZ GÓMEZ A. I. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **“olhar sobre o olhar que olha”:** **Complexidade, holística e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O Currículo Oculto.** Porto: Porto Editora. 1995

SCHMIDT, Elizabeth Silveira. **Currículo: uma abordagem conceitual e histórica.** Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa, n. 11, p. 59-69, jun. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, K. A. T. **A Luz "Vermelha" no Fim do Túnel: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição.** 2013. 162 p. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal de Lavras (UFLA) - MG.